

A violência sofrida pelos árbitros no futebol amador e suas percepções acerca desse fenômeno

The violence suffered by the amateur soccer referees and their perceptions about this phenomenon

MONTEIRO, IC^{1,2}; SILVA, WA²; SOARES, JPF³; MOURÃO, L⁴

¹Mestrando em Educação Física (bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES) pelo programa associado entre Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil.

²Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, Brasil.

³Professor Assistente I da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Educação Física e Desportos, Campus Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil.

⁴Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1998). Professora do curso de Graduação e Pós-graduação (mestrado) da Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Resumo

Introdução: O futebol apresenta-se como um fenômeno social capaz de mobilizar os sujeitos para sua prática ou contemplação. A violência, como processo construído historicamente nas sociedades tem nos esportes de confronto, neste caso o futebol, locus privilegiado para sua ocorrência, que seria neste contexto, controlada pelas regras geridas pelos árbitros.

Objetivos: Identificar e analisar as formas de violência sofridas por um grupo de árbitros de futebol. Descrever a percepção subjetiva dos árbitros acerca da violência sofrida, bem como a influência no desempenho de sua prática profissional.

Amostra: Doze árbitros amadores do sexo masculino de Juiz de Fora, com curso superior (58,3%), idade de 30,9 anos (média) e experiência na arbitragem de 11 anos (média).

Métodos: Nesta pesquisa qualitativa foi utilizado o método de estudo de caso, que teve como foco o futebol amador da cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais – Brasil. A técnica de pesquisa foi a entrevista semiestruturada. O tratamento dos dados seguiu a técnica da Análise de Conteúdo.

Resultados: A maioria dos árbitros começa a carreira pelo curso de Educação Física e pela arbitragem no futsal. As principais violências sofridas são realizadas por atletas, torcedores e dirigentes dos clubes amadores. Este processo faz com que os árbitros evitem polêmicas ao aplicarem a regra do futebol, utilizando-se do “bom senso” para evitar conflitos.

Conclusões: A violência praticada contra os árbitros ocorre de variadas formas, ofensas verbais, xingamentos, tentativas de intimidação, agressão física. Os árbitros percebem este processo como importante fator de interferência na qualidade de sua atuação profissional.

Palavras-chave: Futebol. Violência. Arbitragem.

Igor Chagas Monteiro

Endereço: Rua Doutor Constantino Paleta n° 83/403, Centro, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

Telefone: +55 32 3212-3367

Email: igao_fjvniteroi@hotmail.com

Abstract

Introduction: Soccer is considered a social phenomenon which is able to mobilize the individual for its practice or contemplation. Violence, as a historically process built in our society, specifically in clash sports like soccer, has privileged locus for its happening, which would be controlled by the referee rules in this context.

Aims: To identify and analyse different kinds of violence suffered by a group of amateur referees in Juiz de Fora, their subjective perception on these processes, as well as the influence in their performance and professional practice.

Sample: Twelve male amateur referees from amateur soccer in Juiz de Fora, with graduation (58.3 %), 30.9 years old and 11 years of experience in refereeing (on average).

Methods: In this qualitative research, the study case method was used, with its focus on the amateur soccer in Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil. The technical research used was the semistructured interview and the data followed the analysis of content technique.

Results: Most referees start their careers because of the physical education degree and working as referees in futsal matches. The main kinds of acts of violence are committed by athletes, team supporters and directors of amateur teams and such process makes the referees avoid all the controversies in applying the soccer rules, using their sensibility to avoid conflicts.

Conclusion: The violence against referees occurs in some kinds, like verbal insults, swearing, physical aggression. The referees realize this process as an important factor that influences the quality of their professional performance .

Keywords: Soccer, Violence, Refereeing.

Introdução

O futebol é um fenômeno social capaz de gerar envolvimento de sujeitos e grupos sociais, movidos por sentimentos identitários, políticos, entre outros, com as emoções proporcionadas pelo espetáculo como pano de fundo ^[1]. O envolvimento dos diferentes grupos sociais com o futebol fica mais evidente, no Brasil, quando o esporte é massificado, abrindo a possibilidade de inserção da população mestiça e negra, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1940, em que, até então, tal modalidade era praticada predominantemente pela elite, como mostrou Mário Filho ^[2]. Neste sentido, de acordo com Elias ^[3], o futebol é um esporte coletivo massificado na atualidade e em si não é violento, apresentando-se como um ritual de violência simbólica, ou seja, uma guerra simbólica que esvazia a violência

material. Desta forma, o futebol começa a ser entendido como espetáculo a partir do final do séculoXIX na Inglaterra ^[1].

Em 1863 surgem as primeiras regras do esporte. Inicialmente, estas eram codificadas e os jogos controlados pelos professores das universidades ^[4]. As diferenças entre as regras de Universidades inglesas rivais geraram a necessidade de criação da Associação de Futebol (FA). Desta forma, a figura do árbitro aparece pela primeira vez em 1868, ainda sem grandes poderes de decisão, intervindo apenas quando solicitado pelos capitães das equipes. Já no ano de 1886 o árbitro atua dentro do campo de jogo e tem maior poder de decisão ^[1, 3]. Neste contexto, os árbitros tinham sua figura equiparada a dos policiais e dos juízes, em que o futebol aparecia como uma forma não violenta e não militar de competição entre os estados^[1, 3].

A profissionalização do futebol ocorre no século XIX na Inglaterra, e nos anos 1920 e 1930 no Brasil ^[1]. Sobre a profissionalização da arbitragem, esta não acompanhou a do futebol. Os árbitros seguem no Brasil sem uma regulamentação profissional. Atuam como prestadores de serviços a clubes e federações. Esta pode ser entendida como uma das hipóteses para as pressões internas e externas à sua atuação, ambas com grande potencial para gerar violência ^[1].

Outro ponto de interferência no trabalho dos árbitros é a influência dos meios de comunicação. Por meio de suas mídias, se valem dos recursos tecnológicos na análise dos lances dos jogos, gerando em alguns casos diversas polêmicas que colocam em risco as decisões tomadas pelos árbitros, gerando sentimentos de indignação de clubes e torcedores, colocando em dúvida a idoneidade e competência dos árbitros ^[5].

Neste sentido, boa parte das polêmicas levantadas pela mídia sobre a lisura dos árbitros no futebol profissional parecem transcender o campo jornalístico, interferindo e estimulando condutas violentas também em campeonatos amadores ^[5].

A partir do exposto, nota-se lacunas na produção científica no que se refere a investigações que analisem as formas de violência sofridas pelos árbitros de futebol, bem como os desdobramentos destes processos em sua atuação profissional.

Objetivos

Identificar as formas de violência sofridas pelos árbitros no futebol amador e descrever a percepção subjetiva destes árbitros de futebol amador da cidade de Juiz de Fora sobre os processos de violência sofridos na sua atuação profissional.

Métodos

Este estudo segue a abordagem qualitativa ^[6] e configura-se em um estudo exploratório, que tem o universo do futebol amador da cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais – Brasil como foco da análise. Participaram da pesquisa 12 árbitros da Zona da Mata mineira que atuam ou atuaram no futebol amador em diferentes ligas e campeonatos, por pelo menos 2 anos, o que nos garante uma experiência significativa para análise de suas narrativas. Esta amostra foi selecionada por conveniência, na medida em que os pesquisadores tinham fácil acesso a estes árbitros, e seguiu o princípio da saturação discursiva, entendendo a recorrência das falas como significativas para a interrupção das entrevistas ^[6].

O instrumento de coleta de dados constituiu-se em uma entrevista semiestruturada. Tal roteiro apresentou três blocos temáticos: o primeiro identificou o perfil dos árbitros; o segundo abordou a percepção subjetiva dos árbitros sobre a violência no campo e formas de violência sofridas; e finalmente o último bloco tratou do comportamento e da carreira dos árbitros.

Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e das condições de participação na mesma, e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas em Junho de 2013 em um local previamente agendado, sendo utilizado um gravador de voz, do aparelho Nokia C5. Durante a entrevista, se encontravam presentes na sala somente o pesquisador e o entrevistado. As entrevistas foram transcritas na íntegra, respeitando todas as narrativas apresentadas por nossos participantes.

O Tratamento dos dados seguiu a linha da Análise de Conteúdo ^[7], que pode ser definida como

“...um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p.44),

que tem como objetivo, investigar os sentidos e significados produzidos nos discursos dos sujeitos, a fim de buscar compreender os

processos e problemas sociais em que os mesmos estejam vivenciando.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora sobre o número de protocolo: 17168113.6.0000.5147, e respeita a legislação brasileira, Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/M.S.

Resultados

Apresentaremos nos resultados os perfis dos árbitros participantes desta pesquisa. Neste item descrevemos os resultados do perfil dos árbitros que participaram da pesquisa, com auxílio do quadro 1, apresentando suas características, como: idade, escolaridade, estado civil, filhos, experiência na arbitragem do futebol e nível de atuação (amador ou profissional).

Quadro 1. Perfil dos árbitros entrevistados que atuam no futebol amador da cidade de Juiz de Fora – MG.

Árbitro	Idade	Escolaridade	Estado civil	Filhos	Experiência (anos)	Nível de atuação
1	31	Pós-graduado	Solteiro	Não	11	Profissional/Amador
2	22	Superior incompleto	Solteiro	Não	3	Amador
3	27	Superior	Solteiro	Não	7	Profissional/Amador
4	21	Superior incompleto	Solteiro	Não	4	Amador
5	38	Superior	Casado	Não	16	Profissional/Amador
6	36	Superior	Casado	1	10	Profissional/Amador
7	26	Superior	Solteiro	Não	7	Amador
8	25	Superior incompleto	Solteiro	Não	7	Profissional/Amador
9	25	Superior	Solteiro	Não	6	Amador
10	35	Pós-graduado	Casado	Não	14	Profissional/Amador
11	25	Superior incompleto	Solteiro	2	5	Amador
12	60	Superior incompleto	Casado	1	42	Profissional/Amador

Fonte: Este quadro foi elaborado pelos autores desta pesquisa (2014).

Observou-se entre os participantes alta escolaridade, e o curso de Educação Física representa a escolha de onze árbitros. Assim, 58,3 % são graduados e entre estes, 28 % são pós-graduados; 33% estão realizando a graduação e apenas 8,3%, ou seja, 1 participante não está inserido no ensino superior. Todos os árbitros afirmaram ter iniciado a carreira antes da sua entrada na universidade. Os árbitros entrevistados possuem idade média de 30,9 anos, oito (66,6%) são solteiros e nove (75%) não possuem filhos.

Todos os árbitros do estudo são do sexo masculino, um cenário diferente do futebol profissional, onde percebemos mulheres no corpo de árbitros. O início da carreira dos árbitros juizforanos foi pela Liga Juizforana de Futsal (LJFS), que oferece um curso de arbitragem da modalidade futsal amador. Entretanto, 92% do grupo entrevistado seguiu para o futebol amador sem formação na respectiva modalidade. Posteriormente, sete árbitros (58,3%) realizaram o curso de formação de oficiais de arbitragem no futebol. Destes, 42 % se formaram na Federação Mineira de Futebol

(FMF). Apenas um dos informantes iniciou na arbitragem fora da liga, em função de ser estrangeiro. Sua inserção na arbitragem se deu pelo futebol, na Argentina, pela *Asociación del Fútbol Argentino* (AFA).

Ao serem questionados a respeito da motivação para arbitrar, a maioria declarou que a satisfação proporcionada pela arbitragem é fator preponderante para sua inserção no universo do apito.

“...É legal você estar naquele jogo tenso, todo mundo quase explodindo e você consegue contornar aquele jogo e trazer ele pro seu controle e termina ele bem. É um prazer muito grande, quando os dois times vêm e te cumprimentam pela arbitragem que foi feita, fato raro, mas que quando acontece é bem motivante”
(Árbitro nº cinco, 38 anos).

No quesito experiência com o futebol amador, 25% dos árbitros possuem entre 2 e 5 anos de experiência, 41,6% entre 5 e 10 anos e 33,3 % mais de 10 anos de experiência, logo a média desta amostra foi de 11 anos de experiência na arbitragem. O árbitro nº 12 é o mais experiente do grupo investigado com experiência de 42 anos.

Dos árbitros deste estudo, 75% participaram de campeonatos amadores em nível estadual. Todos participaram de campeonatos locais e regionais, com destaque para os Campeonatos patrocinados por empresas instaladas na cidade de Juiz de Fora e os Jogos Escolares de Minas Gerais (JEMG), em nível regional. Os árbitros nºs um, três, cinco e seis possuem experiências em competições internacionais: *Brazil Football Cup* e 1ºs Jogos Pan-

americanos escolares, ambos realizados em Juiz de Fora. O participante nº um atuou ainda em competições internas da *TetraBrazil*¹ por diversos estados dos Estados Unidos da América (EUA).

Segundo um dos árbitros, a grande habilidade que o grupo demonstra, na arbitragem, é a competência na condução do jogo e não no domínio da regra.

“É ... no futebol amador, na verdade, você tem que “esconder” o livro de regras, rasgar o livro de regras e apitar só com a regra 18 (que o pessoal fala que é o bom senso). A única regra que dá para levar no futebol amador é o bom senso.” (Árbitro nº sete, 26 anos).

A maioria (66,6%) dos árbitros cita já haver presenciado a violência física e a tentativa de agressão dos jogadores aos árbitros. Os informantes relataram ter sofrido violência: agressão física, intimidação ou ofensa verbal de jogadores.

Neste sentido, as ofensas verbais e tentativas de intimidação ocorrem através de xingamentos. Já as agressões físicas ocorrem por vezes durante as partidas, em contestação a alguma marcação efetuada pelo árbitro, principalmente após expulsões, como no caso relatado, em que um jogador recebeu um cartão vermelho e *“foi um empurra-empurra, corre-corre, quando estava acalmado novamente, surge um outro jogador e desferiu um chute na altura*

¹ *TetraBrazil Soccer Academy* é a empresa líder no setor de Treinamento de Futebol Brasileiro. Em 2009, a *TetraBrazil* tornou-se parte da *Sports Management Group*, empresa líder mundial em clínicas de Futebol.

média da coxa do árbitro.”(Árbitro nº onze, 25 anos).

Sobre o início de suas experiências como árbitros, é comum o início de sua atuação na juventude, com intuito de seguir uma carreira. Nesse sentido, pode-se dizer que é um grupo com experiência significativa na arbitragem do futebol amador.

Discussão

A discussão será apresentada seguindo a ordenação temática do roteiro de entrevistas, dividida em dois blocos, o primeiro abordando a percepção subjetiva dos árbitros acerca da violência sofrida em campo, bem como quais formas de violência sofrem; por fim, o segundo fala sobre o comportamento e a carreira do árbitro.

1.Percepção subjetiva da violência em campo e as formas de violência sofridas no futebol amador

Neste bloco abordaremos a percepção subjetiva dos árbitros acerca da violência sofrida por eles no futebol amador, as formas de violência sofridas, a imagem negativa dos árbitros disseminada pela mídia, a infraestrutura dos locais de competição e as possibilidades de mudança dos processos de violência.

A violência é historicamente construída e acompanha as relações humanas de longa data, como observa-se em estudos e conhecimentos acumulados. Ao contrário do que se pensava, o futebol em si não se apresenta como violento, sendo compreendido como um ritual de violência simbólica que esvazia a violência real e material^[3].

Há manifestações de violência direta ou indireta, de caráter generalista, que

ocorrem no futebol, mas não são exclusivas nem próprias do futebol. Tem origem em um sistema social maior, acontecendo também em outras instituições em maior ou menor grau^[8].

O futebol profissional apresenta grandes conflitos, principalmente no que diz respeito à atuação dos árbitros, gerando uma imagem negativa do espetáculo em si^[9].

Observamos que a maioria (66,6%) dos árbitros relata haver presenciado a violência física e a tentativa de agressão dos jogadores aos árbitros e afirmam ter sofrido violência, intimidação e ofensa verbal de jogadores. Foi exposto por 41,66% dos árbitros que a segurança é insuficiente para exercerem suas funções de arbitragem. A metade deles relatou já haver respondido a algum tipo de violência e ou tentativa de agressão sofrida por parte de um jogador. Dos participantes da pesquisa, 33,3%, afirmaram que são disseminadas pela mídia imagens negativas dos árbitros que seriam agentes propulsores da violência do futebol.

Várias são as causas dessa violência relatada pelos árbitros, dentre elas, podemos destacar fatores culturais que banalizam em certa medida os atos de violência, que não ficam restritos nem controlados por regras sociais. Tais processos culminam em uma cultura das violências difundida por diversas instituições e agentes sociais, dentre eles os esportes.

“Existe outro caso também em um campeonato local, onde eu também estava como árbitro assistente, até que aos 25 minutos de jogo do primeiro tempo, na final, o time visitante estava vencendo, até que um jogador do time local, que estava fora de si e já

havia dado duas entradas duras antes disso e estava só com o cartão amarelo, deu mais uma, e foi punido com o cartão vermelho, o jogador veio para dentro do árbitro. Falou, gesticulou e empurrou o árbitro, foi um empurra-empurra, corre-corre, quando estava acalmado novamente, surge um outro jogador e desfere um chute na altura média da coxa do árbitro. Fui entrar para separar tomei dois socos nas costas, mas consegui separar os jogadores do árbitro e depois chegou o pessoal da organização e acalmou a situação". (Árbitro nº onze, 25 anos).

Vamos observar mais narrativas acerca das violências sofridas pelos árbitros.

"Pega esse cartão e enfia no seu (...)! Vai tomar no (...)! E se você me der cartão vou te meter porrada!". (Árbitro nº dois, 22 anos).

"Uma coisa que eu sempre deixo claro para todos que me contratam para arbitrar é que a minha integridade física vem em primeiro lugar, logo eu não vou arrumar confusão gratuita com nenhum jogador, pois estou convicto de todas as marcações que efetuo. Agora, se houver agressão eu vou revidar. Nesse dia eu usei a bandeira, o jogador veio para me dar um soco, me acertou no pescoço e eu acertei uma bandeirada nele". (Árbitro nº um, 31 anos).

"Os jogos eram disputados lá entre cidades que têm a rivalidade e ao mesmo tempo é um campo que não tem alambrado, que não tem nada. A torcida se quiser pegar a bola para bater um lateral, ela bate o lateral para você, entendeu?" (Árbitro nº seis, 36 anos).

A mídia, em suas múltiplas esferas, principalmente no futebol profissional, é um desses fatores. Do grupo de árbitros entrevistados, 83,3% acreditam que a mídia influencia negativamente o comportamento de jogadores e torcedores em relação aos árbitros, na medida em que veiculam informações com direcionamentos que comprometem a atuação da arbitragem.

Podemos observar em uma parte da literatura, que as imagens negativas dos árbitros disseminadas pela mídia podem desencadear situações de violência ^[1]. O autor Roberto DaMatta, em 1982^[10], discute sobre isso:

"Muito do que se discute, portanto, revolve em torno da aceitação das regras do jogo como normas universais e das consequências disso quando sua aplicação é realizada de modo automático pelo "juiz" da partida. Deste modo, a questão do "espírito esportivo" ou "espírito olímpico" é fundamental neste tipo de dramatização. Conforme falamos, os times "devem saber perder" e é certamente por causa disso que o juiz e os bandeirinhas são frequentemente culpados

pela derrota de um time, tendo que pagar as consequências dos seus erros. São, de fato, legião, as agressões a juízes e bandeirinhas neste contexto da aplicação das regras e a sua discussão pela equipe que se sentiu prejudicada^[10] (p. 58).

Os árbitros relataram que a estrutura física é precária para a execução de suas funções, onde se pode constatar a existência de campos sem alambrados que delimitem os espaços entre a torcida e os jogadores, bem como estrutura de vestiários inadequada.

“Como, por exemplo, tem campo que a gente vai que não tem um alambrado, tem campo que mal, mal o cara te dá uma água. Você trabalha em 3, 4, 5, no meu caso já cheguei a trabalhar em 8 jogos seguidos sem ter quase que 5 minutos para você tomar uma água”(Árbitro nº dez, 35 anos).

Nessas condições precárias de atuação, os árbitros parecem estar mais propensos a cometer erros nas suas marcações durante as partidas.

O erro de arbitragem pode gerar comportamentos negativos e não previsíveis por parte dos jogadores, dirigentes e torcedores^[9]. A totalidade dos participantes do estudo acredita que técnicos e dirigentes não colaboram para diminuição da violência, que, em algumas ocasiões, tem nestes os incitadores do processo de violência.

As principais tensões estão sobre os erros de arbitragem^[11], os que causam maior indignação dos atores sociais, parecem ser na marcação de impedimentos e

interpretação das faltas^[9]. Há uma dificuldade dos árbitros em terem o controle de toda a dimensão espacial do campo, não conseguindo visualizar e interpretar corretamente alguns lances^[9].

A influência da violência verbal pela torcida gera, segundo os participantes do estudo, intimidação e aumento da ansiedade durante sua atuação profissional, o que parece favorecer uma incidência maior de erros.

“E o caso assim que me chamou atenção foi na final, onde eu estava também atuando né, como árbitro assistente e foi uma guerra. Torcida xingando todo mundo, tacando pedra dentro do campo. O policiamento a meu ver era reduzido, comparado ao número de pessoas que lá estavam e o jogo foi uma guerra. Qualquer coisa que você marcava, até quando marcava a favor nego te xingava, tanto pra um lado quanto para o outro”. (Árbitro nº dois, 22 anos).

Tal processo pode chegar a situações extremas de violência, em que 16,66% dos árbitros afirmam já terem sido intimidados por armas de fogo na sua atuação.

“...sobre a violência e a falta de respaldo, segurança e muitas das vezes pelas circunstâncias, pelo ambiente, localização em que a gente está e pessoas que estão ali, nós nos vimos obrigados a tomar algumas atitudes que não estão contidas nas regras para poupar a

nossa integridade física, e até de outras pessoas também tanto os adversários quanto as outras pessoas que estão trabalhando com a gente”(Árbitro n° dez, 35 anos).

A partir desta realidade, foi questionado aos participantes da pesquisa como estes processos de violência contra a arbitragem poderiam ser modificados? Na visão da maioria dos árbitros entrevistados, a educação de base, principalmente nas escolas é a solução para mudar essa realidade no futebol, onde seria formada uma outra geração de espectadores/torcedores, jogadores e gestores esportivos.

No futebol amador os árbitros estão mais vulneráveis aos comportamentos imprevisíveis dos jogadores, técnicos, dirigentes e torcedores em função da falta de segurança nos locais de competição. Esses campos apresentam uma estrutura precária para a atuação dos árbitros, sem alambrados delimitando a área de jogo e a destinada à torcida, e por fim a ausência de policiamento.

As possibilidades para diminuição da violência defendidas pelos entrevistados foram educação dos atletas e torcedores desde as categorias de base, passando principalmente pelas escolas.

Aqui podemos observar a importância da escola, como um agente socializador do indivíduo, bem como o grupo dos pares, que atuam no processo de subjetivação das crianças, podendo influenciar positivamente no comportamento que elas terão durante as partidas de futebol^[12].

A educação dos atletas e crianças desde as categorias de base deve passar pela escola extrapolando o âmbito esportivo, visando a formação integral do ser humano,

podendo contribuir para a diminuição das situações de violência.

2.Comportamento e carreira do árbitro

Neste bloco temático trataremos do comportamento dos árbitros no campo de jogo e da carreira na arbitragem, como aspectos motivacionais para atuação, suas demandas e questões acerca da profissionalização.

A inserção de árbitros no futebol reflete um pensamento de neutralidade e de que eles são responsáveis por zelar pela preservação do jogo “limpo”, bem como das condutas das equipes^[4]. Talvez esse possa ser um dos motivos para que os atores sociais do futebol não compreendam os erros de arbitragem e tenham reações violentas durante as partidas.

Entretanto, fica claro que, no âmbito do futebol amador, a regra não é aplicada com rigor, dado as circunstâncias que o jogo e o ambiente em torno dele apresentam. Logo, o comportamento dos árbitros durante uma partida é influenciado pela violência dos atores sociais do jogo^[9]. Visando gerir os conflitos entre jogadores, dirigentes, técnicos e torcedores eles passam a flexibilizar a aplicação das regras.

As reações imprevisíveis e por vezes violentas por parte de jogadores, torcedores e dirigentes influenciam o comportamento do árbitro durante a partida^[9]. Nessa esfera, o mais importante parece ser a condução da partida e não a aplicação minuciosa da regra.

No que se refere à flexibilização das regras, 75% dos árbitros acreditam que a violência por parte de torcedores, jogadores, dirigentes de equipes influencia na flexibilização das regras no âmbito do futebol amador. A maioria deles mencionou o “bom senso” em seu discurso como sendo

alternativa para controlar a partida, evitando situações de violência. Quase a metade (41,66 %) deles, aponta a falta de segurança e infraestrutura como fatores agravantes, influenciando na flexibilização das regras.

A pesquisa indica que há uma flexibilização da regra para favorecer o bom andamento do jogo e garantir a integridade física do árbitro, fazendo uso do “bom senso”, popularmente chamado pelos árbitros de regra 18, uma gíria do futebol, já que o mesmo possui apenas 17 regras, como vemos na fala de um dos árbitros “...a única regra que dá para levar no futebol amador é o bom senso” (Árbitro nº sete, 26 anos).

Há um consenso entre todos os árbitros sobre a experiência profissional, de que esta influencia positivamente o comportamento dos árbitros, principalmente na relação e gestão dos conflitos entre os jogadores, a torcida e os dirigentes no campo de jogo. A mesma está diretamente atrelada à maneira como o árbitro conduz a partida. Podemos constatar na fala de um árbitro com dezesseis anos de experiência que “...principalmente no futebol amador, quando um time está ganhando de um placar elástico, e tem um gol validado em um lance polêmico, com certeza o árbitro terá problemas, então é preciso saber se virar”. (Árbitro nº cinco, 38 anos).

Outros concordam que a experiência possibilita um posicionamento adequado do árbitro em campo, favorecendo acertos nos aspectos técnicos e disciplinares durante as partidas “... porque você não precisa correr tanto, porque sua experiência lhe indica os atalhos dentro de campo, você pode antever as jogadas e se posicionar melhor com a experiência adquirida”. (Árbitro nº três, 27 anos).

Mesmo com tantas adversidades, o que leva esses sujeitos a permanecerem na arbitragem? Ao se investigar as motivações dos árbitros para continuar arbitrando, 91,66% citam o prazer de estar no meio futebolístico, como motivação, para permanência na arbitragem. O retorno financeiro é um fator preponderante, sendo apontado como atrativo também pela metade dos árbitros.

Mesmo não sendo uma profissão regulamentada, os árbitros se preparam para exercer suas funções dentro de campo, dedicando-se ao estudo das regras, por meio da leitura das mesmas e participação em cursos de reciclagem promovidos por suas ligas.

Entretanto, para chegar ao nível profissional é preciso também dedicar-se fisicamente, o que foi assegurado por 75% dos árbitros quando afirmaram se preparar fisicamente durante a semana.

O estudo aponta que 83,3% dos árbitros são favoráveis à profissionalização da arbitragem no Brasil, e 58,3% deles veem como vantagem da profissionalização a segurança e a aquisição de direitos trabalhistas. Eles acreditam que a regulamentação influenciaria diretamente no nível técnico das atuações.

Os erros de arbitragem têm gerado inúmeros conflitos e discussões no futebol amador e profissional ^[9]. Em nossa investigação a grande maioria dos árbitros se posicionou favoravelmente à profissionalização da arbitragem no Brasil, o que poderia, segundo eles, garantir os direitos e benefícios de uma profissão devidamente regulamentada. Conforme observamos, os árbitros que atuam no futebol profissional, tem uma alta demanda de tempo para estudar as regras do jogo,

realizarem sua preparação física, além de muitas viagens ao longo da semana, exigindo uma dedicação quase que exclusiva à essa atividade.

A profissionalização da arbitragem seria benéfica para o futebol, entretanto, não acabaria com os erros de arbitragem, pois o árbitro não consegue visualizar e interpretar todos lances em função de ter que controlar um espaço (campo) muito grande ^[9]. Os árbitros teriam mais tempo para dedicar-se ao futebol, não necessitando de trabalhar em outra profissão para complementar sua renda.

Conclusão

Conclui-se neste estudo que a maioria dos árbitros são jovens, solteiros, não possuem filhos e iniciam a carreira atuando no futsal. A formação da maioria do grupo é realizada em instituições de ensino superior onde optam pela graduação em Educação Física. A sua experiência no futebol amador predomina entre 5 e 17 anos. Esse é um cenário diferente do futebol profissional, onde percebe-se mulheres participando do corpo de árbitros.

A violência, como processo sociocultural, ocorre constantemente no futebol amador juizforano e atinge nossos informantes em suas práticas profissionais. Os agentes de violência são geralmente os atletas, a torcida e os dirigentes dos clubes amadores. A violência praticada contra os árbitros ocorre de variadas formas: ofensas verbais, xingamentos, tentativas de intimidação e agressões físicas.

Neste sentido, os árbitros percebem este processo como importante fator de interferência na qualidade de sua atuação profissional.

Entretanto, ela não é unidirecional, haja vista, que os árbitros revidam algumas dessas tentativas de agressão e xingamentos.

A motivação para permanecer arbitrando advém do prazer em estar no meio futebolístico e do retorno financeiro, que no futebol profissional é ainda mais vantajoso. Ainda no campo de atuação do árbitro podemos concluir que há uma contínua atualização e estudo do livro de regras.

Na esfera amadora, o mais importante, para este grupo, é a condução da partida e a utilização do “bom senso” na prática profissional, a fim de evitar conflitos e não incitar a violência.

Encontramos que a arbitragem no Brasil necessita ampliar o processo de profissionalização, o que garantiria aos árbitros os direitos de uma profissão regulamentada, favorecendo um maior tempo de dedicação à arbitragem e melhora no nível técnico de suas atuações.

A partir do que foi exposto, recomenda-se medidas reeducativas, preventivas e punitivas de curto, médio e longo prazo a fim de amenizar os problemas da violência partindo das categorias de base até os níveis adultos, conforme apontou o sociólogo Maurício Murad. O futebol deve contribuir para projetos civilizacionais e inclusão social. As ações punitivas mais severas devem ir de encontro dos atletas e profissionais que infringirem as regras. No âmbito amador promover maior punição e segurança nos torneios locais pareceu representar uma urgência para o grupo de entrevistados.

Paralelamente a este processo, ações educativas que visem formar uma geração de expectadores devem ser assumidas pelas instituições de ensino em nível fundamental e

médio e pelos clubes em suas categorias de base. A violência no esporte pode ser amplamente debatida e estratégias de controle e prevenção elaboradas de forma conjunta entre professores e alunos.

12 Cucho D. A noção de cultura nas ciências sociais. 2nd ed. Bauru: Edusc; 2002.

Referências

- 1 Boschilia B, Vlaustin J, Marchi Jr. Implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros no futebol. Rev. Bras. Cienc. Esporte [periódico na Internet]. 2008. Septiembre [cited 2013 Jan 23]; 30(1):57-73. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/191/198>.
- 2 Helal R, Soares AJ, Lovisoló H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- 3 Elias N, Dunning E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.
- 4 Giulianotti R. Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. 2nd ed. São Paulo: Nova Alexandria; 2010.
- 5 Da Silva AI, Frausino NMS. Análise dos comentários da imprensa em relação ao árbitro de futebol. EFDeportes.com [periódico na Internet]. 2005 Mayo [cited 2012 Dic 10]; 10(84):[cerca de 8 p.]. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd84/arbitro.htm>.
- 6 Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 5th ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- 7 Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2008.
- 8 Murad M. A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- 9 Santos RFS, Soares AJG, Ferreira MS. Reflexões sobre os erros das arbitragens no futebol brasileiro: existe possibilidade de aperfeiçoamento? Rev Bras Futebol, 2012; 05(1): 59-74.
- 10 DaMatta R. Futebol: Ópio do povo ou drama de justiça social? Novos Estudos Cebrap. 1982; 1(4):54-60.
- 11 Santos, R. F. Futebol e violência: tendências das pesquisas. *Revista de Trabalhos Acadêmicos [periódico na Internet]. 2010. Septiembre [cited 2013 Jul 13]; 1:[cerca de 6 p.]. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5B%5D=261&path%5B%5D=145>.*